

BAIRRO ALTO CLARO: ESPAÇOS DE LAZER E SOCIABILIDADE EM BRASÍLIA DE MINAS/MG ENTRE 1970 E 1990

Silvana Ferreira Mendes¹

RESUMO

Este ensaio reflete algumas dinâmicas de sociabilidade urbana em espaços de lazer na cidade de Brasília de Minas/MG no período de 1970 e 1990, reconstituindo elementos de sua memória e produção socioespacial. Explora-se materiais memorialísticos e mobiliza-se história oral para reconstituir uma das facetas que deflagram maneiras de fazer cidade nesta localidade.

Palavras-chave: Lazer. Sociabilidade. Brasília de Minas.

*ALTO CLARO NEIGHBORHOOD: LEISURE AND SOCIAL SPACES IN BRASILIA DE
MINAS/MG BETWEEN 1970 AND 1990*

RESUMEN

This essay reflects on some dynamics of urban sociability in leisure spaces in the city of Brasília de Minas/MG between 1970 and 1990, reconstructing elements of its memory and socio-spatial production. Memorialistic materials are explored and oral history is mobilized to reconstruct one of the facets that trigger ways of making a city in this location.

Palabras clave: Leisure. Sociability. Brasília de Minas.

Exaltação a terra natal

Nesta minha
exaltação Canto

¹Mestra em História Social pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Professora de História para a Educação Básica em Brasília de Minas/MG como servidora pública junto à Secretaria de Educação de Minas Gerais (SEE/MG). E-mail: silvanaferreiramendes@hotmail.com

com glória e louvor
À minha terra
natal,
Berço de grande esplendor.

Ó minha terra
querida, Ornada de
altivas palmeiras, És
um recanto de amor
Pra sua gente hospitaleira.

Com encanto e
simplicidade, No
norte do sertão
mineiro, És tu, ó
minha terra amada,
Amado torrão
altaneiro.

És meu universo
querido, És um lar
acolhedor.
Ó minha Brasília de
Minas, Teu povo é
forte e lutador.

Tens beleza, tens
encantos, Tens um
céu da cor de anil,
És orgulho de teus
filhos, És parte do
meu Brasil².

A letra acima, originalmente publicada em 1986, é uma declaração de amor da memorialista Maria Inês de Matos Gonçalves à cidade de Brasília de Minas /MG. Em meio a uma profusão de adjetivos é possível identificar aspectos do lugar e suas gentes, além de evidenciar que “teus filhos” são orgulhosos de tê-la como cidade natal. Chamado a prefaciá-lo o Memorial de Brasília de Minas – documentário; Haroldo Lívio de Oliveira identifica na obra uma extensão do sentimento expresso pela autora da letra acima. “É preciso que alguém, como a autora, dotada de acendrado amor pela terra natal, dê o seu recado de memorialista (...) Folheando estas páginas, repassadas de delicadeza e lirismo, o

²GONÇALVES, Maria Inês de Matos. Memorial de Brasília de Minas – documentário. Edições BH. 2006. P 15.

brasileiro se reencontrará com o seu lado sentimental”³.

Esse sentimento de exaltação a cidade natal expresso pela memorialista e seu prefaciador não são ações isoladas, pode ser identificado também em Henrique de Oliva Brasil em seu *De Contendas a Brasília de Minas* e na obra *São Francisco nos caminhos da história* escrita por Brasileiro Braz. São publicações de 1977, sendo inegável sua importância histórica para aquelas localidades, porém demonstram carência de uma análise mais profunda da realidade local. Neste tipo de abordagem, o memorialista dá vida e voz aos personagens a quem atribui papéis de destaque e agilidade no fazer cidade em detrimento de outros que podem ser ignorados ou caricaturizados sob a justificativa “é folclórico”. Aqueles parecem motivados por sublimes sentimentos e deveres como se necessidades outras não os impulsionassem, como se interesses políticos e econômicos não influenciassem ou determinassem suas escolhas e ações. O memorialista exalta principalmente os seus pares, supostamente representantes dos grupos sociais dominantes.

Desta forma, parece-nos que os memorialistas em questão referem-se ao urbano e não a cidade como nos orienta Henri Lefebvre “talvez devêssemos introduzir aqui uma distinção entre a *cidade*, realidade presente, imediata, dado prático-sensível, arquitetônico – e por outro lado o *urbano*, realidade social composta de relações a serem concebidas, construídas ou reconstruídas pelo pensamento”⁴. Para o autor, “esta distinção se revela perigosa”, pois o urbano assim concebido “parece poder passar sem o solo e sem a morfologia material”.

Maria Cristina Oliveira Proença nos informa que:

“o conceito de urbano proposto por Lefebvre não é uma essência, não é uma substância, como o faz crê a urbanidade, é antes uma forma. E esta forma tem um nome, a simultaneidade. O que esta forma urbana reúne na simultaneidade pode ser muitas coisas: as pessoas, as coisas, os signos, os lugares. Lefebvre acrescenta ainda que a forma do espaço social é o encontro, a reunião, a simultaneidade. O que se reúne no espaço social e, por inerência, no espaço urbano é tudo o que existe no

³Op. Cit. P 13/14.

⁴LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. São Paulo. Centauro. 2001. P 54/5.

espaço, tudo o que é produzido, seja pela natureza, pela sociedade – pela cooperação e pelos conflitos⁵.”

No pensamento de Lefebvre, a cidade é um complexo conjunto onde a sociedade urbana se organiza cotidianamente num intrincado emaranhado de relações, num constante ir e vir de atividades e afazeres conquistando e construindo seu espaço social. Os indivíduos são parte essencial no processo de construção deste espaço, mas o caráter de simultaneidade apontado por Maria Cristina Oliveira Proença nos remete à ideia de que, apesar de exercerem funções sociais múltiplas e diferenciadas, a importância atribuída às pessoas, as coisas, os signos, os lugares é proporcional e equivalente. As reflexões de Henri Lefebvre acerca da cidade são posteriores às manifestações ocorridas em 1968 e justamente por isso, percebe aquela como algo pulsante, em detrimento da cidade homogeneizada, cujos espaços racionalizados pelos urbanistas numa lógica de instrumento ideológico de dominação duramente criticados por ele.

Na contramão dos memorialistas em questão, procuro refletir sobre a cidade de Brasília de Minas a partir das pessoas simples “do povo” que desempenhando funções sociais variadas – trabalhadores rurais, benzedores, curandeiros, parteiras, foliões... - ou simplesmente usando de táticas inusitadas buscaram alternativas para construir seus espaços sociais. Dentre estes indivíduos, debrucei-me sobre as trajetórias de Manelão e Maria Doida.

Manelão se apropria a várias décadas de um espaço urbano – a ponte sobre o rio Jacaré – à revelia do que fora concebido pela administração pública local, construindo o que para ele é importante – o espaço vivido. Não se importando com riquezas materiais, entende que estas tornam as relações sociais gananciosas dificultando o convívio social⁶.

Maria Doida foi uma figura que marcou sua permanência entre nós. Enquanto viva foi alvo de tentações da criança. Quando ela estava muito furiosa, falava palavrões, tirava a roupa e saía correndo nua pelas ruas, sendo motivo de risos e de gritaria. Depois de morta, tornou-se o símbolo dos estudantes, que pediam em suas preces

⁵PROENÇA, Maria Cristina Oliveira. A cidade e o habitar no pensamento de Henri Lefebvre. Dissertação. Coimbra. 2011. P 47

⁶MENDES, Silvana Ferreira. A PONTE É DE “MANELÃO”: reflexões sobre a produção do espaço urbano em Brasília de Minas / MG (1970/90). 2023. P 10.

muito juízo para os estudos⁷.

Neste trabalho vamos nos ater a uma parte da cidade de Brasília de Minas – o bairro Alto Claro – dada as dificuldades encontradas em conseguir interlocutores que se dispusessem a tornar públicas informações sobre uma determinada casa de diversões que ali existia, foco primeiro de nosso interesse: o Chega Mais.

“Conheço muitas histórias deste lugar, mas jamais poderei contá-las⁸.”

Inicialmente através da enquete “*CHEGA MAIS! Postem suas memórias sobre esta famosa casa de Brasília de Minas*” feita através do grupo “Brasilinha e seus velhos tempos” no facebook, conseguiu-se as primeiras informações. Foi um pouco frustrante, mas é algo

⁷SILVA, Maria Eugênia Matos. 1995. Apud: MENDES, Silvana Ferreira Mendes. Maria Rosa da Encarnação: uma devoção no imaginário popular em Brasília de Minas. Plêiade. SP. 2014. P 108.

⁸A. J. F. S. Interlocutor em resposta à enquete “CHEGA MAIS! Postem suas memórias sobre esta famosa casa de Brasília de Minas”. <https://www.facebook.com/groups/1282858018874997> 05/11/2023.

comum no exercício do pesquisador não conseguir respostas imediatas e diretas às suas inquirições. Então, mudamos um pouco a investida e nova enquete fora postada na mesma rede social “Que *memórias* você tem sobre os *espaços de lazer e diversão* no bairro Alto Claro nos anos 1970, 80 e 90?” As respostas vieram com poucos acréscimos de informações, mas apontaram outros elementos que serviam de diversão à época – por exemplo, a palhoça de China. Tais enquetes tiveram a intenção de sondar acerca do objeto foco de interesse apontando possíveis interlocutores; quem sabe algumas fotos pudessem vir de presente através destes contatos. Estes se fizeram espontaneamente em respostas às enquetes e também ocorreram sob a forma de entrevistas gravadas e transcritas individualmente. De posse de informações, indicações e relatos de interlocutores foi possível elaborar uma síntese que será aqui apresentada acerca do bairro Alto Claro e seus espaços de lazer e sociabilidade nos anos 1970 a 90.

O bairro Alto Claro se localiza na entrada da cidade onde se situa o entroncamento das rodovias MG 202 que dá acesso as cidades de Montes Claros e Coração de Jesus e a MG 402 que interliga Brasília de Minas a São Francisco. O ponto de confluência destas duas vias é uma rotatória que recebeu o nome de praça Newton Veloso em volta da qual se constitui o dito bairro. Porém, de acordo nossos interlocutores, era um lugar bem diferente do que hoje se apresenta.

As ruas de terra, ladeadas por poucas casas construídas de forma rudimentar, iluminadas por lamparinas a querosene. Nestas ruas representava-se todo o espetáculo cotidiano do entretenimento da população local – serviam para os jogos de bola, de queimada, de bolinhas de gude, por elas transitavam os doidos, os beberrões, os cavaleiros, os carroceiros e feirantes em direção ao mercado municipal, circulavam em procissão as rezadeiras que iam pagar promessa ao pé do cruzeiro ao centro da praça. Havia apresentação de folia de reis no natal, em dia de reis ou época específicas de cultos aos santos a convite de moradores. À frente das casas acendiam-se fogueiras para aquecer amigos e vizinhos à época de São João e as ruas ficavam iluminadas e barulhentas com os sons das sanfonas e o tilintar de copos e garrafas. Eram momentos para estreitar laços com as trocas de quitutes típicos da época, as habilidades de cada um exploradas nos preparativos e comemorações aos santos juninos – sanfoneiros, quituteiras, cortadores de fogueira, costureiras, rezadeiras, beberrões, contadores de “causos”...

“Lá na roça depois que casei morava num rancho ribuçado de capim, ali era minha sala, meu quarto, minha cunzinha. Quando vim pra cá aí que a cobra fumou - pidi até ismola - ganhava cabeça de gado já até fedeno ou só os miolo dela. Fiz uma casinha no Alto Claro com parede de barro e ‘bosta de gado’, passei argila com a mão e ficou branquinha! Depois uma vaca dirrubou ela no chifre.”⁹

Sim, o bairro Alto Claro fora formado e habitado nos anos 1970 e 80 por migrantes oriundos da área rural do município para onde trouxeram suas contribuições materiais e imateriais para a produção do espaço a que denominariam Alto Claro. O relato da sr^a C.R.R. nos traz a informação de que as condições de vida que encontrara no bairro Alto Claro eram de uma precariedade material tão intensa quanto na área rural que abandonara – “pidi até ismola”; “fiz uma casinha no Alto Claro com parede de barro e bosta de gado” -, além de incluir vacas aos usos que os moradores faziam das ruas.

“(...) a atual praça Newton Veloso fazia limite com a sede de uma fazenda –

hoje é um posto de combustível, cuja construção era grande e fazia-se acompanhar por outras instalações como um chiqueiro de porcos e ao fundo deste haviam umas barrocas¹⁰. Nestes locais a criançada da vizinhança se reunia para brincar na enxurrada ou confeccionar fazendinhas repletas de animais com barro e gravetos. Também se divertiam com a chegada esporádica de algum avião no campo à margem da MG 202 na saída para Coração de Jesus.”¹¹

⁹ C.R.R. Ex trabalhadora rural de 81 anos em entrevista gravada em 2016.

¹⁰ O mesmo que voçoroca - fenômeno geológico que consiste na formação de grandes buracos de erosão, suscetível a ação das enxurradas.

¹¹ H.G. L. 59 anos. Entrevista gravada em 09/12/2023.

Para Henri Lefebvre (2011) “a cidade tem uma história: ela é a obra de uma história isto é, de pessoas e de grupos bem determinados que realizam essa obra nas condições históricas.”¹² Portanto, é possível verificar a existência de inúmeras cidades em um mesmo espaço, neste caso, o bairro Alto Claro na cidade de Brasília de Minas nos anos 1970 / 90 era, sob a ótica de moradores crianças, o espaço propício às brincadeiras e à sua diversão inocente; já moradores trabalhadores viam-no sob a ótica da sobrevivência difícil e poucos recursos materiais e a alternativa encontrada seria trabalhar nas fazendas vizinhas ao bairro exercendo ali diariamente atividades a que eram acostumados antes de se mudarem para a cidade. Mas, os não-moradores? Que interpretação(ões), que usos percebiam no bairro Alto Claro?

O trabalho de campo trouxe basicamente duas interpretações dos não moradores com relação ao local: viam-no como área perigosa, assolada por brigas e práticas avessas à moral e aos bons costumes, portanto, deveria ser evitada, se constituía uma das áreas marginais da cidade de Brasília de Minas. Para outros, apesar de mal visto, o Alto Claro atraía por conta dos entretenimentos que poderia oferecer – jogos, danças, bebidas, prostitutas. O mesmo motivo que transformava aquele local em marginal também atraía frequentadores e se resumia em duas casas específicas – o chiqueiro e a palhoça de China.

“O Chega Mais foi um nome recente. Antes se chamava Chiqueiro”. Isso porque, originalmente, havia um agrupamento de pocilgas e currais,

exatamente para a criação de porcos. Se não me engano, pertenceu aos Paiva. Também havia no local um pequeno açude e era um lugar até bonito. Substituindo a criação de porcos, instalou-se o prostíbulo e as mães de família continuaram chamando o lugar de “Chiqueiro” pois ali viviam as “porcas”, as “raparigas do chiqueiro”. Lembro-me de algumas personagens antigas, mas em respeito aos seus descendentes, não mencionarei seus nomes, já que muitas delas se casaram ou se tornaram respeitadas mães de família. Muitos adolescentes de Brasília de Minas iniciaram sexualmente ali, levados pelos próprios pais e irmãos. Infelizmente, além da exploração sexual de mulheres pobres, vivendo em péssimas condições de salubridade, havia também outros vícios, jogatinas e violências que culminaram até em mortes ali e nos arredores.”¹³

“Éramos crianças e morávamos no Alto Claro! Quando passávamos em frente desta casa, sentíamos medo e ao mesmo tempo curiosidade porque era algo diferente, tinha umas luzes coloridas piscando... kkk. Nossos pais nos orientavam a não olhar pra lá, pois seria pecado e Deus não gostava daquela bagunça! Rs (acredito que foi a forma que eles encontraram de nos proteger pois certamente se ficássemos olhando, poderíamos presenciar alguma cena imprópria para crianças...) O movimento lá nos arredores e na praça que tinha em frente era muito grande!”¹⁴

¹² LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. São Paulo. Centauro. 2001. P 52.

¹³ O. O. Interlocutor em resposta à enquete “CHEGA MAIS! Postem suas memórias sobre esta famosa casa de Brasília de Minas”. <https://www.facebook.com/groups/1282858018874997> 05/11/2023.

¹⁴ T. A. D. Interlocutora em resposta à enquete “CHEGA MAIS! Postem suas memórias sobre esta famosa casa de Brasília de Minas”. <https://www.facebook.com/groups/1282858018874997> 05/11/2023.

Os depoimentos acima são de inestimável importância porque nos esclarece sobre a trajetória dos nomes pelos quais a casa passara – primeiramente Chiqueiro e depois bar e boite Chega Mais -; nos confirma as atividades que ali eram desenvolvidas – bebidas, jogos, prostituição -, bem como as representações que a casa e suas trabalhadoras projetavam sobre pessoas de outras partes da cidade despertando sentimentos e reações diversas: medo, aversão, raiva, curiosidade, simpatia...

A experiência da sr^a M.I.G.¹⁵ exemplifica os motivos pelos quais a boite Chega Mais despertava raiva em muitas mulheres de outras partes da cidade, a ela se referindo depreciativamente, bem como as funcionárias que nela atendiam. Para elas, o local continuava a ser um chiqueiro literalmente, sendo as mulheres “as porcas” por executarem uma atividade tão imunda quanto a prostituição¹⁶. O Chega Mais era o local preferido do marido da sr^a

M.I.G. em companhia das mulheres que ali trabalhavam gastava os minguados recursos, a esposa se via em apuros para suprir as necessidades mais básicas dos filhos pequenos. Segundo nossa interlocutora, isto acontecia em várias famílias da cidade e da vizinhança. Cansada de tais atitudes por parte do marido, num dia de desespero, lançou mão das duas filhas pequenas levando-as até a dita casa, a menor chorando de fome foi entregue ao atônito e enraivecido pai com a orientação de que o mesmo deveria alimentá-la. Não lhe serviu de lição, voltava sempre a casa e a esposa tentara repetir a façanha de constrangê-lo entregando- lhe as filhas quando estava se divertindo, mas um enorme cadeado travava a porteira de entrada.

“Tinha um senhor meu conhecido que vinha vender requeijão, gastava todo o dinheiro dos mesmos nesta casa, voltava bêbado e sem o dinheiro!”¹⁷

O bairro Alto Claro, como se pode perceber, formou-se sob iniciativa de cada morador que conseguia seu terreno dos fazendeiros locais através de doação por serviços prestados àqueles ou pela compra. A formação inicial não se parecia em nada com o que se entende por bairro ou cidade. Construções esparsas com

plantações e criação de animais de pequeno porte nos quintais; quando muito limitados com cerca de arame farpado, mas no geral, não havia demarcações físicas sendo possível transitar de um quintal a outro através de caminhos pela

¹⁵ M.I.G. 79 anos. Entrevista gravada em 07/02/2024.

¹⁶ Porcaria – interlocutores nos esclareceram que era hábito na região se referir ao ato sexual como porcaria. Era tabu mencionar a palavra sexo ou sexualidade.

¹⁷ S.G. Interlocutora em resposta à enquete “CHEGA MAIS! Postem suas memórias sobre esta famosa casa de Brasília de Minas”. <https://www.facebook.com/groups/1282858018874997> 05/11/2023.

vegetação. As pessoas de hábitos simples conviviam numa vizinhança onde todos se conheciam pelo nome, os filhos brincavam juntos, as comemorações e pequenas conquistas eram de conhecimento público e celebração conjunta.

“Nossa casa foi a primeira do bairro a ter uma tv onde ficavam mais de 50 pessoas assistindo novelas, filmes. A casa ficava cheia de pessoas espalhadas pelos assentos, pelo chão da sala, pelas janelas assistindo a filmes e novelas. Achavam que pai era rico! Depois nós fomos pro mato brincar imitando Tarzan.”¹⁸

No processo de formação do bairro Alto Claro, sob o olhar de nossos interlocutores, não se verificou a presença de agentes públicos municipais como mediadores ativos em ação de corroboração ou refutação às pessoas que se sentiam prejudicadas / insatisfeitas com o funcionamento das atividades desempenhadas pela boate Chega Mais. Também não se identificou nenhuma ação no sentido de compor uma força social que para Lefebvre pode ser “as classes, frações de classes, agrupamentos ou alianças de classes que tomam a palavra indicando suas necessidades sociais”¹⁹ para acionar aqueles. O Sr. H.A. exercera a função de comissário de menores até 1978 e, em seu relato não se verificou nenhuma atitude mais contundente do poder público que sinalizasse uma investida contra o funcionamento da casa de diversões. Segundo o mesmo, “o juiz determinava que se verificasse a presença de

¹⁸ H.G.L. 59 anos. Entrevista gravada em 09/12/2023.

¹⁹ LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. São Paulo. Centauro. 2001. P 122.

menores de idade no local”.²⁰ O bairro foi se formando devagarzinho por ações isoladas de cada unidade familiar / morador em resposta a suas próprias necessidades – moradia / lazer. Assim os espaços foram adquirindo usos próprios a estas necessidades: as ruas mais que vias de trânsito eram locais de permanência para lazer, folias de reis, procissões, festas juninas, o bate-papo preguiçoso aos finais de tarde que poderiam ser interrompidos pelos vaqueiros levando seus bois enfurecidos ao matadouro; os quintais ocupados com porcos, galinhas e plantações. Desta forma, estes espaços utilizados por estes moradores/usuários vão além de uma dimensão física, assumem um valor social do uso coletivo facilitando os encontros, os acolhimentos. Isto não significa que não houvesse disputas, tensionamentos. Henri Lefebvre nos alerta que o espaço não é neutro, o espaço está em constante disputa. Através dos depoimentos, é possível verificar que as vivências cotidianas no bairro, não se pautavam somente pela solidariedade e harmonia, também apareciam os conflitos de interesses, as tensões e disputas, mas as próprias pessoas pensavam formas de driblar tais situações. Afinal, o espaço social pode ser reconfigurado a partir da ação dos indivíduos que lançam mão de negociações e manobras para que o peso da desigualdade de condições seja menos perceptível. A estas manobras, Michel de Certeau denomina tática que

“... é a arte do fraco (...). A astúcia é possível ao fraco, e muitas vezes apenas ela, como “último recurso”: quanto mais fracas as forças submetidas à direção estratégica, tanto mais esta estará sujeita à astúcia. (...) a tática é determinada pela ausência de poder.”²¹

A boite Chega Mais se formara concomitante ao bairro: sede de fazenda, criatório de porcos, casa de diversões. Talvez esta evolução conjunta tenha propiciado o desenvolvimento de formas de convívio menos conflituosas entre os moradores vizinhos e as pessoas que trabalhavam e/ou frequentavam o local. As mulheres da casa de diversões precisavam de quem lhes prestassem pequenos serviços como lavagem de roupas e babás para suas crianças para que pudessem trabalhar. Além de oferecer a oportunidade para que membros da população local

ganhassem alguns trocados, as mulheres tentavam investidas mais cordiais como visitas e até ofereciam socorro em momentos de grande necessidade.

“Minha mãe lavou muita roupa dessas mulheres, e até ia entregar pra elas no Chiqueiro, mas como eu já estava ficando mocinha, meu pai não me deixava ir com a minha mãe para entregar as roupas (rs) e muitas delas frequentava a casa da minha vó.”²²

“Wanda era a que tomava conta das mulheres, ela tinha uma filhinha loirinha, quando vinha de Montes Claros ficava na nossa casa lá no Chiqueiro para mãe cuidar.”²³

“Bons tempos! Todos os dias eu vendia limão para os caminhoneiros que ali pernoitavam e a D. Wanda que era a proprietária pedia eles pra comprarem em mim.”²⁴

“Eu ia lá levar comida. Meu pai arrumou uma mulher e saiu de casa levando tudo. Não deixou um garfo. Mãe grávida de minha irmã. D. Wanda – a primeira dona do Chega Mais – chegou lá e falou: a senhora não vai passar fome, não. Vou levar a senhora ali embaixo, vou comprar fogão, panelas, vasilhas. Vou parar de cozinhar lá no Chiqueiro e a senhora vai cozinhar pra nós. Todo sábado eu acerto com a senhora.”²⁵

²⁰ H. A. 79 anos. Entrevista gravada em 14/01/2024.

²¹ CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. Artes de Fazer. 3ª edição. Petropólis. Editora Vozes. 1998. 101.

Nessa atitude de transformar uma determinada situação que poderia ser desconfortável ou até mesmo conflituosa em algo proveitoso ou menos conflitante, identificamos a tática teorizada por Michel de Certeau. Ao invés de hostilizar a presença das mulheres trabalhadoras da boite, moradores dela tiravam proveito financeiro e as mulheres identificando a situação de carência material daqueles se solidarizavam.

Ao que parece os cidadãos, moradores ou não do bairro Alto Claro, estabeleceram por si próprio alternativas para fazer frente aos possíveis problemas advindos com o funcionamento da dita boite. Os moradores

participaram do seu funcionamento ao aceitarem e / ou ajudarem suas funcionárias em suas próprias demandas – locando-lhes o imóvel, lavando suas roupas, cuidando de suas crianças pequenas, fazendo-lhes as marmitas (...) de alguma forma retirando do seu funcionamento algum tipo de proveito nem que fosse utilizando-se da influência da proprietária sobre a clientela caminhoneira para vender-lhe limões. A única investida identificada através dos interlocutores contra o funcionamento da boite Chega Mais fora a iniciativa isolada da Sr^a M.I.G. que preferiu ela mesma agir contra o marido / frequentador no intuito de constrangê-lo e/ou externar o quanto considerava o local nocivo para as famílias da cidade. Parece, no entanto, que muitos homens de famílias de variados

²² L.J. Interlocutora em resposta à enquete “CHEGA MAIS! Postem suas memórias sobre esta famosa casa de Brasília de Minas”. <https://www.facebook.com/groups/1282858018874997> 05/11/2023

²³ M.E. Interlocutora em resposta à enquete “CHEGA MAIS! Postem suas memórias sobre esta famosa casa de Brasília de Minas”. <https://www.facebook.com/groups/1282858018874997> 05/11/2023

²⁴ A.J.F.S. Interlocutor em resposta à enquete “CHEGA MAIS! Postem suas memórias sobre esta famosa casa de Brasília de Minas”. <https://www.facebook.com/groups/1282858018874997> 05/11/2023

²⁵ H.G.L. 59 anos. Entrevista gravada em 09/12/2023.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano. Artes de Fazer. 3^a edição. Petrópolis. Editora Vozes. 1998. 101.

GONÇALVES, Maria Inês de Matos. Memorial de Brasília de Minas – documentário. Edições BH. 2006.

LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. São Paulo. Centauro. 2001.

MENDES, Silvana Ferreira. A PONTE É DE “MANELÃO”: reflexões sobre a produção do espaço urbano em Brasília de Minas / MG (1970/90). 2023.

PROENÇA, Maria Cristina Oliveira. A cidade e o habitar no pensamento de Henri Lefebvre. Dissertação. Coimbra. 2011.

SILVA, Maria Eugênia Matos. 1995. Apud: MENDES, Silvana Ferreira Mendes.

Maria Rosa da Encarnação: uma devoção no imaginário popular em Brasília de Minas. Plêiade. SP. 2014.

A.J.F.S. Interlocutor em resposta à enquete “CHEGA MAIS! Postem suas memórias sobre esta famosa casa de Brasília de Minas”<https://www.facebook.com/groups/1282858018874997> 05/11/2023.

C.R.R. Ex trabalhadora rural de 81 anos em entrevista gravada em 2016.

H.A. 79 anos. Entrevista gravada em 14/01/2024.

H.G.L. 59 anos. Entrevista gravada em 09/12/2023.

L.J. Interlocutora em resposta à enquete “CHEGA MAIS! Postem suas memórias sobre esta famosa casa de Brasília de Minas.”
<https://www.facebook.com/groups/1282858018874997> 05/11/2023.

M.E. Interlocutora em resposta à enquete “CHEGA MAIS! Postem suas memórias sobre esta famosa casa de Brasília de Minas”.
<https://www.facebook.com/groups/1282858018874997> 05/11/2023

M.I.G. 79 anos. Entrevista gravada em 07/02/2024.

O.O. Interlocutor em resposta à enquete “CHEGA MAIS! Postem suas memórias sobre esta famosa casa de Brasília de Minas”.
<https://www.facebook.com/groups/1282858018874997> 05/11/2023.

S.G. Interlocutora em resposta à enquete “CHEGA MAIS! Postem suas memórias sobre esta famosa casa de Brasília de Minas”.
<https://www.facebook.com/groups/1282858018874997> 05/11/2023.

T.A.D. Interlocutora em resposta à enquete “CHEGA MAIS! Postem suas memórias sobre esta famosa casa de Brasília de Minas”
<https://www.facebook.com/groups/1282858018874997> 05/11/2023.

